



A
MULHER
do Fim do
MUNDO

Contos de
Giovana Machado

A
MULHER
do Fim do
MUNDO

Contos de
Giovana Machado



Sobre o livro

A Mulher do Fim do Mundo é um livro transmídia produzido como Projeto Experimental do curso de Produção Editorial da UFSM pela aluna Giovana Luísa Machado para Trabalho de Conclusão de Curso. Neste livro você encontrará contos e fotografias autorais da aluna, assim como elementos de direcionamento para vídeos e áudios (também autorais) para nosso canal no YouTube, que complementarão a sua experiência enriquecedora de leitura.



Ao encontrar o ícone do **PLAY**, clique para acessar a narrativa transmídia.

Dedicatória

Dedico esse livro às mulheres da minha vida: minha mãe Sirlei e minha irmã Vanessa. Foi enxergando os seus exemplos e conselhos que me tornei a mulher que sou hoje. Homenageio também aqui a cantora Elza Soares, que a partir da sua arte me deu força e inspiração para vida e criação desta obra. Muito obrigada a todas as Mulheres do Fim do Mundo que passaram pela minha história, saibam que tem um pouco de cada uma aqui.



[Clique aqui para ouvir a playlist de leitura](#)

Sumário

Quando Você Descobriu Ser uma Mulher?.....	8
Eu Te Amo.....	9
Casa de Bonecas.....	13
De Tanto Viver.....	17
Uma Manhã Inesquecível.....	21
Apenas Mais Um Dia.....	25
Quando o Amor Prova Ser Maior.....	30
Feliz Corpo Novo.....	35
Ser Mulher.....	40
Ensaio.....	41
Um Recado para Você.....	48
Agradecimento e Extras.....	49

**Quando
Você
Descobriu
Ser uma
MULHER?**



Clique no PLAY e confira





Eu Te Amo

É até um pouco clichê que o nome da personagem principal dessa história seja Rosa, mas é fato que não teria nome melhor para descrever essa mulher. Rosa é uma mulher linda, doce, forte, e principalmente de um coração muito bondoso, não há nada que ela não possa resolver com sua resiliência e alegria de ser. No auge dos seus 37 anos, Rosa criou dois filhos homens com o melhor que poderia proporcionar para eles, como mãe solo sempre fez de tudo para que nada faltasse em casa, em especial, amor. Matheus e Guilherme perderam seu pai muito cedo, devido a um acidente de carro, e a partir daquele dia, Rosa teve que se mostrar mais forte do que nunca, por mais que os espinhos da vida a machucassem.

Hoje é um dia feliz para essa família, é um dia de celebrar a vida, celebrar conquistas. Rosa passou anos trabalhando como empregada doméstica, e hoje finalmente essa etapa da sua vida acaba. Não quero dizer que não gostava desse trabalho, pelo contrário, ela amava cuidar das casas de outras pessoas, amava cuidar das famílias pelas quais havia passado ao longo da vida. Mas, desde criança, ela tinha o sonho de zelar pela própria família com um negócio que fosse só dela, fazendo algo que amasse, que era cuidar de flores e fazer ramos incríveis para momentos especiais, na sua própria floricultura. Ela sempre acreditou que todo momento fica especial e belo com um lindo buquê de flores, foi assim que se apaixonou pelo pai de seus filhos, e também foi assim que se apaixonou recentemente por Carlos, seu novo namorado. Rosa achou que nunca mais se abriria para o amor novamente, tinha enraizado em seus pensamentos que não tinha mais esse direito, e que depois do pai dos seus filhos, não encontraria outra pessoa que fizesse seu coração palpitar. Também ficou com receio que Matheus e Guilherme não fossem gostar da ideia, mas era o que eles mais queriam para a mãe, que ela encontrasse alguém que a fizesse tão feliz e realizada como ela fazia com eles. Rosa merecia amar e se sentir amada novamente.

Como hoje é o primeiro dia da sua nova vida, com a inauguração da sua linda floricultura, Rosa preparou o café juntamente com seus filhos, aproveitou o momento da refeição com eles, lembrando todos os sufocos

pelos quais passaram na vida, e como foi uma mulher forte para chegar onde estava hoje. Ela se viu muito emocionada com cada palavra dos seus filhos, com a sua trajetória e também com o resultado da sua floricultura após a reforma. Cada mini pedaço estava da forma como ela sempre imaginou, cada cor e quadro na parede, ela não poderia estar mais realizada com esse momento. E já apressada para atender seus primeiros clientes do dia, ela deu um beijo na testa de cada filho e seguiu em direção ao seu novo começo.

Rosa já tinha feito alguns buquês que iriam para entrega, e pelo que ela tinha visto pelo conteúdo dos cartões, suas flores faziam muitas mulheres felizes, o que a deixava extremamente realizada, pois sabia que faria parte de sorrisos lindos e momentos inesquecíveis. Ela estava na calçada da sua floricultura, organizando suas flores para que ficassem mais visíveis e belas para todos que passassem na frente, quando avistou seu primeiro cliente. E não podia ser alguém melhor: Carlos. Seu namorado ficou um pouco apreensivo quando Rosa disse que abriria um negócio, disse que ficava inseguro com o fato dela trabalhar sozinha, que estava sujeita a muitos problemas e pessoas diferentes, mas ela ficou radiante por vê-lo ali tão cedo, apoiando-a.

A cena que ele pôde ver foi ela com um buquê de rosas brancas nas mãos, enquanto formava um largo e lindo sorriso, um sorriso de quem estava realizando um sonho, de quem estava crescendo e brotando para a vida, por ela mesma e por seus filhos. Porém, a cena que ela visualizou foi mudando gradativamente, ele parecia um tanto quanto diferente no dia de hoje. Carlos desceu do carro com um semblante sério, o que começou a preocupá-la. Ela só pensava “será que aconteceu algo com meus filhos?”. Mas enquanto ele chegava mais próximo, ela pôde avistá-lo levantando um braço em sua direção, segurando um objeto brilhante e assustador, que ela nunca havia presenciado pessoalmente. Os olhos de Carlos começaram a se encher de lágrimas enquanto dizia três das palavras que Rosa mais gostava de ouvir: “Eu te amo”. E disparou, então, a morte contra seu peito. Enquanto Rosa caía no chão, manchando as rosas brancas de vermelho, seus olhos se fixaram em Carlos, sem acreditar que morreria por amor. “Mas será que era amor?”. Em seu último respiro rezou pelos seus filhos, derramou sua última lágrima da vida e murchou pela eternidade.

De Rosa

Nã~o

Brotará Mais

AMOR





Casa de Bonecas

Três bonecas lindas rodopiam e brincam juntas numa casinha delicada e rosa, com as janelas sempre abertas para entrar o ar puro de fora. Como é bom ser criança, ver o belo de uma brincadeira e criar histórias. Lembro-me de estar sentada com as pernas cruzadas no chão da casa das minhas duas primas, minhas melhores amigas, e de passarmos horas por lá, apenas criando um belo mundo cor de rosa. O pai delas estava sempre por lá, cuidando de nós, e muitas vezes participando das nossas brincadeiras. Em um desses dias, em que a diversão do dia era o “pega-a-pega”, ele contou até quinze e cada uma de nós se escondeu em um lugar diferente. Jonas me encontrou atrás de um vaso de plantas e correu até me encurralar no banheiro da casa. Pronto, eu havia perdido.

Aquele dia eu perdi muito mais que um jogo, perdi meu mundo cor de rosa, minha infância e minha paz. Eu tinha apenas oito anos, mas entendi a dor que estava sentindo, sabia que aquilo que fez comigo não deveria ser feito. Jonas ultrapassou as barreiras da minha intimidade, me tirou a pureza de criança e me fez sentir suja, seu toque me sujou e tornou meu mundo escuro. A partir daquele momento, eu não fui mais a mesma. Antes de sair do banheiro, ele me deu um pirulito e disse que eu merecia por ter ficado quietinha. Me culpo até hoje por isso, mas fiquei tão em choque que não pude esboçar nenhuma reação, e todos os doces que experimentei depois daquilo tiveram um sabor amargo.

Contei para a minha família o que havia acontecido, e sinceramente não sei a reação que esperava, mas queria ser protegida. No entanto, o que aconteceu não chegou nem perto disso. Sim, eles protegeram alguém nessa história, e foi o abusador. Disseram que não se passava de mais uma das minhas histórias de criança com mente criativa, e que era muito feio acusar meu tio desse jeito, afinal “ele é da família, sempre cuidou tão bem de você e nunca iria tentar te machucar, ele é um homem bom”. Ouvi isso tantas vezes que até comecei a duvidar da minha própria sanidade: “será que eu havia inventado tudo aquilo?”. Mas não, eu sei que aquela dor foi real.

Os anos foram passando, e lidar com aquela dor ainda era quase in-

suportável, ter que conviver com meu abusador e sem apoio algum foi me dilacerando aos poucos. O fato é que comecei a viver com medo, sempre esperando o próximo ataque da vida, e nunca mais consegui confiar em ninguém. E como eu queria ter uma família para confiar! Comecei a crescer e meu corpo foi me mostrando isso, dando indícios de que agora eu me tornava uma mulher. Meus seios começaram a crescer, meu quadril ficou mais largo e meu rosto mais adulto, e eu só queria esconder tudo isso, pois não conseguiria conviver com a ideia de que alguém pensaria coisas absurdas olhando para mim, e que talvez causasse aquela dor enorme em mim novamente.

Em um dia nublado, aos 16 anos, em que a angústia era maior que a vontade de fazer algo por mim mesma, eu me encontrava sozinha e sentada em frente à mesa da cozinha, abraçando as minhas pernas, numa tentativa de não me deixar correr dali. “Mas para onde eu correria?”, pensava. Eu estava consumida pela dor, e sozinha. “Será que eu estava sozinha?”. Ouço três toques na janela à minha frente — que diferente da casinha das minhas bonecas, agora vivia fechada — e quando olho na sua direção meu coração se acelera com quem encontro, pedindo para entrar: meu tio. Lembro em detalhes do momento em que meu mundo perdeu a cor e seus olhos vidrados me assustam, de novo me sinto encurralada. Não sei o que pensar, nem como agir naquele momento, só penso que não posso sentir aquela dor novamente. Pego um veneno para carrapato que foi deixado sobre a mesa a minha frente, e tomo.

Nota da Autora

Dados alarmantes do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania indicaram que o Brasil teve um aumento em 70% dos casos de abuso sexual infantil, sendo apenas nos quatro primeiros meses de 2023 registradas 17.500 violações contra crianças e adolescentes. A casa da vítima e/ou de familiares mostra-se como os principais locais de abuso, como explicitado na história, sendo 14.000 dos casos. Sendo assim, pais, tios, irmãos e demais familiares são notados como a maioria dos abusadores. Um boletim epidemiológico do Ministério da Saúde ainda demonstra que no período de 2015 a 2021, 76,9% dos casos de abuso impactaram crianças do sexo feminino com idade de 0 a 9 anos. Esse tipo de abuso deixa marcas para a vida inteira, causando traumas psicológicos até a vida adulta. **Cuidem das suas crianças, para que elas não precisem deixar para trás a casa de bonecas.**





De tanto viver

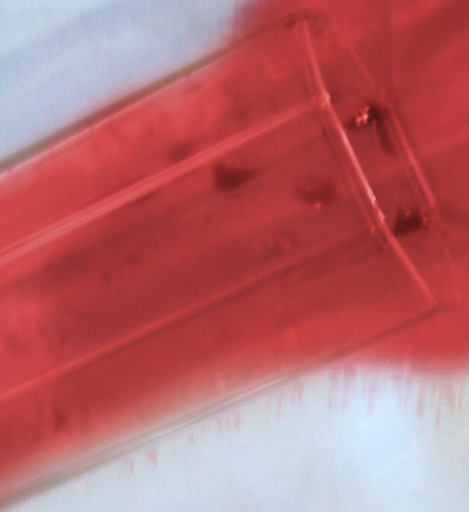
Olho para o espelho e encaro uma mulher com os seus setenta anos, e reflito o quão difícil já foi observar essa carcaça envelhecida. A gente vai crescendo achando que somos detentores de super poderes, que nenhuma ação do tempo vai nos derrubar e que seremos para sempre uma pele lisa e um cabelo brilhante. Nós chegamos a pontos extremos para evitar a inevitável velhice, e por que será? Por que enxergamos a nítida passagem de tempo como algo tão ruim? Só porque vamos morrer? Ora, acredito que não tem nada mais lindo do que a vida cumprindo seu ciclo natural, em que morremos de tanto viver, de TANTO VIVER! Os jovens me veem na rua e enxergam apenas manchas, rugas e um andar lento, mas nem imaginam que esses olhos com pés de galinha puderam observar seus filhos crescerem, que essa boca cercada por rugas fez muitas declarações de amor, e que essas mãos enrugadas e cheias de manchas pegaram seus netos no colo. E foi justamente um deles, meu neto Henrique, que me ajudou a enxergar minha passagem pelo tempo como algo quase poético. Como a maioria das pessoas por aí, e principalmente como uma mulher vaidosa que se encontra perdendo o colágeno, por muito tempo eu apenas achei que cada ruga era apenas a confirmação de que estava mais próxima da morte, e que iria perder tudo aquilo que construí durante a vida. Além disso, tratava-se de uma demonstração clara de que eu estava ficando inútil e feia perante a sociedade. Mas Henrique, com seu instinto tão curioso quanto o da avó, começou a me questionar sobre as minhas histórias de vida, e nossos momentos de brincadeira viraram um grande momento de conexão, não apenas meu com meu neto, mas também meu comigo mesma. Minhas cicatrizes demonstram muitas coisas, e eu sempre tentei escondê-las, no entanto, tenho três que são as minhas favoritas, e agradeço por não ter como apagá-las. A primeira é uma grande marca no cotovelo, e por mais que tenha sido dolorosa, o dia em que a fiz foi um dos mais felizes da minha vida. Essa cicatriz foi a marca que o tempo deixou para que eu tivesse um momento com meu amado e falecido marido para sempre. José sempre acreditou muito em mim e me apoiou em tudo, meus so-

nhos nunca eram impossíveis para ele. Conquistei essa cicatriz em um dia que comentei com ele que nunca havia andado de bicicleta, por puro medo, e ele com toda paciência do mundo me ajudou a dar as primeiras pedaladas. Eu caí, mas ele me ajudou a levantar e fez as feridas doerem menos, isso no sentido literal e figurado da frase. Dali para frente, José sempre foi meu porto seguro, e essa marca, para mim, é um sinal de que ele sempre estará aqui, ajudando para que as feridas doam menos. A minha segunda e terceira cicatrizes têm ligação com a minha maternidade e o início de uma nova mulher, ser mãe me trouxe a maturidade e a força que eu precisava. A cicatriz da cesárea foi o que me deu os melhores presentes da minha vida: meus filhos, frutos de um amor único e lindo. A terceira cicatriz foi do dia que me percebi como uma mãe leoa, que faz de tudo para proteger seus filhos. No meu joelho há as marcas do chão de um ônibus que eu pegava com minha primeira filha, ainda bebê, para ir ao médico. Com uma freada brusca do motorista, fui levada para longe, mas em nenhum momento soltei o amor que havia em meus braços, e acabei caindo de joelhos enquanto minha filha ainda dormia tranquila. Percebi naquele momento que seria esse tipo de mãe: tudo pode estar acabando lá fora, mas meus filhos estarão protegidos comigo.

Minhas rugas e linhas de expressão também são ainda mais fáceis de amar agora, elas me lembram de todas as vezes que sorri: quando meus pais ainda eram vivos e também me contavam as suas histórias e me faziam cócegas, quando encontrei todos os meus amores, quando ouvi o primeiro choro de todos os meus filhos e netos. Também me lembram de todas as vezes que chorei e franzi a testa de preocupação. Pude viver de verdade cada sentimento, e contornar todos os momentos tristes para poder sorrir mais ainda depois. Agora eu encaro o espelho e vejo uma mulher linda que está cumprindo o ciclo natural da vida, e que está feliz de tanto viver.

De Tanto

VIVER





Uma manhã inesquecível

Hoje foi um dia que acordei bem esquisita, e para uma menina de 11 anos isso pode ser bem comum, neste dia, contudo, senti algo muito diferente. Acordo mais cansada que o normal e com uma dor muito forte na barriga e penso que com certeza devo ter comido muito doce na noite passada. Caminho com meus pés quentes no chão frio até chegar ao banheiro, após tanto rolar na cama para criar coragem para ir. Mas quando abaixo as minhas calças para fazer xixi, me deparo com algo horrível: estou tendo uma hemorragia! Imediatamente vou conversar com a minha irmã mais nova e esperta, Sophia, que não escondeu seu terror ao dizer:

— Ana, eu não acredito, você tá morrendo! Ouvi a tia falando esses dias que uma amiga dela teve isso mesmo e nem teve jeito, no outro dia já tinha “ó” — ela faz sinal cortando a garganta, com a língua para fora.

— Tá, e o que eu faço agora? — pergunto numa esperança dela saber com detalhes como posso contornar a situação.

— Ah, minha irmã — suspira Sophia enquanto continua a frase da forma mais calma e bizarra possível. — Acho que você só deve aproveitar enquanto ainda tem tempo, a tia disse que a amiga dela morreu sem nem se despedir da família. E isso foi triste.

— Tá... Não conta nada pra mamãe e pro papai, não quero ir sem comer aquele empadão que a mãe vai fazer hoje — digo em meio a muito choro, mas me confortando por ter um fim tranquilo pelo menos.

Decidimos que seria um dia especial e muito proveitoso com a nossa família, enxuguei as lágrimas e fui começar o dia com a única coisa possível que poderia me ajudar naquele momento: comida. Quando chegamos na cozinha, mamãe estava preparando ovos mexidos enquanto papai já corria com sua jarra de café de um lado para

o outro. Mamãe me dá bom dia, fala orgulhosa das flores que comprou a caminho de casa e me pede o favor de levar mais três ovos para ela, e como quero grandes quantidades de comida especificamente nessa manhã, abro a geladeira e pego três ovos com uma mão e mais dois com a outra, que seria o necessário para completar meu prato.

No meio do caminho tropeço em um dos tapetes que temos na cozinha e começo a ver tudo em câmera lenta. Os ovos começam a voar das minhas mãos, e eu, numa tentativa de recuperar todos, tento pegar um por um de volta, mas, ao contrário da minha visão desesperada, o mundo não havia ficado mais lento, e os dois ovos extras que peguei caíram rapidamente no chão. No mesmo instante, sem sequer tirar os olhos daqueles malditos ovos, começo a chorar desesperadamente, como se um ente querido tivesse acabado de se quebrar todo ali na minha frente. Para quem estava de fora, pode ter parecido muito idiota, mas naquele momento foi a coisa mais triste que eu poderia ter presenciado. Agora aqueles ovos não se tornariam um bolo ou uma deliciosa omelete de café da manhã, eles seriam para sempre os ovos que tiveram a vida ceifada por mim nessa manhã triste em que eu estava com muita fome.

Enquanto ainda choro e meus pais me olham com cara de julgamento, minha irmã apenas solta a frase:

— Também, ela está morrendo, tadinha. Não me surpreende que esteja assim.

No mesmo momento ela coloca a mão na boca, como se tivesse falado um segredo que não poderia revelar, o que era verdade, a minha cara de indignação não escondeu. Mas então ela encontra um jeito de tirar a expressão de susto e confusão que meus pais fizeram, completando com a frase:

— Morrendo de FOME, né gente! — enquanto dá risadinhas de nervoso.

No meio disso tudo, fico alguns segundos com aquela sensação horrível que temos antes de um espirro e não posso conter o que vem pela frente. É uma daquelas manhãs de primavera, e as flores que a mãe havia trazido da rua me deram uma reação alérgica. Depois de algum

tempo tentando evitar o espirro, libero todo ar dos meus pulmões em um sonoro “atchim”, no mesmo segundo sinto sangue descendo pelas minhas pernas, e agora sim, num momento de desespero, grito:

– ESTOU MORRENDO! ME AJUDA!

Sophia e eu decidimos acabar com o segredo e explicamos a situação para os nossos pais, e ficamos surpresas por eles começarem a rir no mesmo momento. Mas com muito respeito, mamãe sentou com a gente e começou a explicar o que estava acontecendo: ela disse que eu estava crescendo, virando uma mulher com novas responsabilidades, e que, com isso, viriam algumas mudanças no meu corpo. Mamãe falou que menstruar, para ela, faz com que ela conheça melhor seu corpo, seus limites, sua feminilidade, e a si mesma, e que a cada mês eu iria me conhecendo melhor também. E isso, para mim, foi a parte mais chocante:

– Isso vai acontecer TODO MÊS?!





Apenas Mais Um Dia

Joana tem uma rotina agitada, e ela ama ter a oportunidade de fazer tudo que já quis um dia, principalmente por saber que tudo que conquistou foi com seu próprio esforço, coisa que muitos familiares desacreditaram, julgando-a com o discurso de que teria que arrumar um marido. Mas isso nunca foi uma prioridade para ela, principalmente por ser tão jovem.

Todos os dias Joana tem que sair de casa cedo e fazer um longo trajeto até o trabalho, e não pensem que ela vê problema nisso, ela sabe que toda dificuldade enfrentada agora são pequenos passos para um futuro brilhante. Entretanto, ela já pensou em desistir de tudo sim, pensa quase todo dia, mas por acreditar em seu lugar no mundo não deixa que isso dure muito tempo. E por que ela pensa em desistir? Bom, se você passar um dia sendo Joana você vai entender:

Para acordar antes das seis da manhã, apenas com um café bem forte, daqueles que nos percorre esquentando o corpo, então preparo um enquanto começo a me arrumar para mais um dia. Escolher o que vestir nunca é uma tarefa fácil, eu sempre acabo deixando o que gostaria de vestir no armário, por pensar que aquilo seria curto demais ou chamativo demais, e sim, sinto que deixo quem eu sou no armário e saio com uma fantasia mais adequada para o mundo e mais segura para mim. Mas acredite, todo santo dia eu brigo com o meu interior, que diz que eu não posso sair com uma saia, e acabo perdendo feio. Até quando ganho e consigo sair com a tal saia sinto que eu perdi, porque tudo que tive medo se realiza. Então é, hoje você ganhou de novo, consciência. Coloco minha calça larga, meu casaco comprido, prendo meu cabelo num coque e vou em direção à parada de ônibus com a chave de casa em meio aos dedos.

Pelo horário ainda nem amanheceu direito e o escuro faz com que eu tenha mais medo ainda do trajeto, esse é o momento em que prendo minha respiração e aperto mais as chaves na minha mão, que seguro por ser minha única opção de defesa caso alguém apareça na escuridão. Chego na parada de ônibus, e, como sempre, por mais indesejável ou com cara de brava que eu apareça, sempre tem um homem que fica me observando tomar um assento na parada, e, mais uma vez como sempre, sento e o encaro numa tentativa de mostrar o quão nojento isto é. Às vezes até penso que pode ser um sim-

ples olhar e eu levo pro lado horrível da coisa, mas o quão normal é sentir os olhos de alguém a todo momento? Depois disso também me sinto desconfortável por ele sempre me deixar subir na frente, pois significa que poderá me observar por trás, e pensar nisso me faz sentir um arrepio na espinha.

Sento-me em uma das poucas pontas que sobraram e me preparo para uma viagem de quarenta minutos até o centro da cidade. Enquanto isso, a condução enche cada vez mais, sobem três, dois, cinco passageiros, e todos os outros começam a se apertar para continuar a viagem. Nossa, como eu odeio passar por isso! Enquanto começam a se apertar, eu prendo mais ainda minha respiração, como se fosse entrar em surto a qualquer momento. Depois que todos já se organizaram e encheram a condução o máximo que desse, começo a sentir algo roçar constantemente no meu braço e, nesse momento, a cor pálida que tinha na minha pele some e dá lugar a um vermelho de medo e vergonha, meu rosto fica quente, eu começo a suar as mãos, minha respiração prende mais um pouco e consigo sentir o coração acelerar. Enquanto meus olhos se enchem de lágrimas e só penso que preciso evitar um surto, olho devagar para o lado para ver o que encosta em mim. Um homem alto, por volta dos seus trinta anos me pede desculpas, eu só consigo dar um sorriso bobo e falso e me culpar por me sentir tão mal com um engano. Tento continuar a viagem, mas não consigo, também não consigo abrir minha boca para dizer nada a ninguém, então apenas desço do ônibus muito antes da minha parada, mais ou menos a uns vinte minutos do meu destino, sentindo que desabaria lá mesmo caso não o fizesse.

Caminho às pressas para chegar no horário ao meu trabalho, e mesmo com o som alto nos meus fones de ouvido, consigo ouvir um homem passando por mim e balbuciando algo que nem ousou pensar novamente, tento não dar atenção e focar no meu trajeto. Com passos largos, coração acelerado e uma música mais alegre que o meu dia, percebo que traço essa rota mais uma vez desse jeito, com esse sentimento de ser apenas um atrativo para olhos maldosos, mas continuo minha vida, dia após dia, para provar para mim mesma e para todos a minha volta que sou muito mais que isso.

Ao colocar os pés na empresa em que trabalho finalmente solto a respiração, como em um ato de alívio por ter chegado bem.

Enfim

SOBRE

VIVI

a Mais um Dia

Nota da Autora

Com certeza você esperava uma história aqui, certamente com início, meio, fim, um acontecimento catastrófico e uma superação da personagem, mas o fato é que esse é apenas mais um dia na vida da Joana, é apenas mais um dia na sua e na minha vida, e que, infelizmente, ainda não foi solucionado e nem mesmo superado. Uma pesquisa de “Percepções sobre a segurança das mulheres nos deslocamentos pela cidade”, realizada pelo Instituto Patrícia Galvão e Instituto Locomotiva, comprova que 77% das mulheres têm medo de sofrer violência na rua. Uma mulher nunca se sente segura, e nunca pôde se sentir assim. **Até quando precisaremos viver como Joana?**



PARE



Quando o amor prova ser maior

“Acho que nenhum momento da minha vida vai ser mais incrível do que esse”, foi um dos meus primeiros pensamentos em um dia comum. Nesse dia em especial, observo a vida a minha volta e percebo tudo que tenho a agradecer: um emprego estável em algo que amo muito, que é cuidar de pessoas idosas; dois filhos incríveis que são a minha motivação para tudo; um namorado cuidadoso que está amando a ideia de ser pai; uma gestação de cinco meses, muito saudável e desejada por mim; e mais futilmente, mas não menos importante, o carro que dirijo a caminho do trabalho.

Com os olhos na estrada, começo a enchê-los de lágrimas ao pensar mais profundamente sobre estar gerando mais uma vida aqui dentro, e muito mais do que isso: estar construindo um amor tão único. Isso me preenche por inteiro. Essa gestação veio em ótima hora, e só consigo pensar que a família está completa agora. Por diversos momentos pensei que não teria mais a chance de sentir esse amor tão verdadeiro novamente, por já estar nos meus quarenta anos, mas, no momento perfeito, o amor provou ser maior.

Hoje, contudo, esse carro prata que está dentre os meus agradecimentos, irá provar que este não é só mais um dia comum, ele será a prova de que mesmo quando tudo parece seguir um bom caminho, um caminho certo e de muita luz e esperanças, algo pode mudar a rota bruscamente. E foi o que aconteceu. Com os olhos ainda marejados de lágrimas, avistei, logo à frente, o início de uma grande confusão no trânsito, alguns carros começaram a se bater, e numa tentativa de escapar daquela situação, mudei a rota — num movimento de desespero — para a estrada ao lado, onde outros dois carros se chocaram comigo de forma repentina. Eu fui obrigada a mudar o caminho, e a partir de agora, a estrada da minha vida também mudará completamente.

No instante em que senti o impacto da batida, queria que o meu primeiro pensamento fosse como no primeiro do dia, no entanto, a partir daqui, não acredito que virão muitos pensamentos bons como aquele. Tudo que eu mais queria era proteger meu filho. Nesses quase cinco meses o gerando em meu ventre, essa foi a minha maior preocupação, mas sinto e temo que, nesse momento, não consiga protegê-lo mais. Sinto uma dor que inicia na

minha barriga e me percorre arduamente até chegar em meu coração, não presencio uma dor apenas física, mas também sentimental, o que acredito ser a pior delas. Agora, em um novo ato de desespero, esboço com a garganta algo parecido com um grito enquanto minha respiração se intensifica e eu fico petrificada olhando o sangue escuro manchar minha calça clara.

Os dias que passei no hospital foram os piores da minha vida, e ironicamente também foram de maior clareza mental e espiritual. Espírita de berço, eu sabia que nada daquilo era em vão. Passei por um procedimento hospitalar em que uma parte muito importante de mim foi levada... meu filho. Nesse procedimento, a mulher precisa tomar dois medicamentos e esperar o começo das contrações, sentir toda a dor do parto, até que seu corpo expulsa o feto morto. No entanto, comigo as coisas nunca são tão simples, e o que dois comprimidos deveriam fazer num corpo feminino, no meu precisou de oito, e também de mais tempo para começar esse doloroso processo. Eu não queria deixá-lo ir embora assim, já tinha sonhado tanto com o seu nascimento, esperava ansiosamente para ouvir o seu choro, olhar em seus olhos e sentir seu corpo quente no meu, mas isso nunca aconteceria.

Senti todas as dores e contrações do parto, assim como chorei pela vida que se foi antes mesmo de experimentar todo o carinho que aguardava por ela. No momento em que o procedimento foi concluído e meu filho deixou meu corpo, a enfermeira perguntou gentilmente se eu queria vê-lo. Sonhei muito com o seu rosto, pensava todos os dias sobre como ele seria, de quem seriam os olhos, se a boca seria como a minha, mas naquele momento não suportaria, e imediatamente disse que não o veria. Mas as palavras que se seguiram eu nunca pude esquecer: “É um menino, todinho formado. Mais um anjinho no céu!”. Um menino. Todo formadinho. Mais um anjinho no céu.

No céu, e não nos meus braços. Saí do hospital sentindo um grande vazio, saí um dia com o mundo em minhas mãos, e voltei para casa sem nada. Eu havia perdido tudo. Perdi o trabalho, porque a senhora para quem eu trabalhava como cuidadora não quis me receber de volta, com medo que eu tivesse contraído algum vírus na minha estadia no hospital. Perdi meu namorado, porque na verdade ele queria apenas ter um filho, e eu era a primeira a realizar esse sonho. E também tive a grande perda material do meu carro, que agora estava destruído. Mas nada, nunca, se compararia com a dor da

perda de um filho, e eu só tive forças para sair daquele hospital de mãos vazias porque sabia que tinha outros dois filhos preocupados comigo em casa.

Fiquei trinta intermináveis dias vivendo o luto de tantas perdas, dias esses em que passei enterrada numa cama, sem querer visitas, comendo o mínimo, com pouquíssima higiene pessoal e madrugadas inteiras chorando. Era impossível não me culpar por tudo que tinha acontecido, passava todas as horas do meu dia me questionando se, caso tivesse feito algo diferente, talvez ainda pudesse ter meu filho em meus braços, se talvez eu ainda pudesse querer ver a luz do dia. Tem vezes que as dores parecem ser insuportáveis, e não vemos um fim para esse sentimento. O amor, contudo, sempre as cicatriza, e estavam lá minha mãe e meus dois filhos me dando um amor incondicional. Ser mãe me fez mais forte, e eu tinha certeza que essa família linda merecia ser feliz e que eu precisava continuar aqui, firme e forte por todos nós, até mesmo pelo pequeno que agora nos protegia lá do céu.

Quase no final desses trinta dias, depois de muito pensar e chorar, comecei a rezar, pedindo forças para levantar e recomeçar, ao invés de lamentar e me sentir culpada, porque aquela que estava ali não era eu. Foi então que num amanhecer qualquer coloquei os pés no chão, fui pro banho, passei um café preto – meu companheiro até hoje de horas boas e ruins – e decidi estender a cama e não voltar para ela enquanto fosse dia. Peguei papel e caneta, coisas que andam comigo sempre, e comecei a reorganizar minha vida. Meus filhos lindos estavam felizes com isso, e minha mãe mais ainda. Então fui correr atrás do tempo perdido. A pé as distâncias eram maiores, mas consegui lidar com isso, saindo mais cedo e caminhando muito. Logo eu já estava trabalhando novamente, depois conquistei meu carro, sem aquele namorado, é claro, embora o tenha perdoado por seu abandono e entendido que o amor não deve ser mendigado. Me reergui novamente, recuperei meu brilho como mulher e como mãe. Depois de alguns anos, o amor prova ser maior novamente e descubro que gero um novo amor em meu ventre.

Carmen e Pedro

Pedro nasceu no sexto dia de janeiro de 2017, quando eu tinha 45 anos, sempre brinco que ele veio aos 44 do segundo tempo. Desejado e querido pelos manos Vitor e Laura, e por toda a minha família. Apenas seu pai que não quis receber o amor de seu filho, mas isso não me abalou. Queria ser mãe solo e aconteceu. Pedi a ele apenas um exame de DNA, caso mais tarde, quando Pedro soubesse de toda sua história, tivesse essa certeza para ir atrás dele, se fosse de sua vontade. No laboratório, Pedro no bebê conforto, sorria para o pai, e eles pareciam ter alegria no coração. Mais do que nunca, eu não impediria essa relação, se ela fosse acontecer.

A vida seguia seu curso normal, trabalhava em diversos empregos para cuidar de Pedro, que não foi colocado na escolinha com 6 meses. Havia algo de diferente nele: engatinhou e falou mais tarde que o considerado normal e tinha momentos de irritabilidade. Aos 2 anos procurei ajuda, e o diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista) foi confirmado.

Hoje, com seis anos e meio, Pedro frequenta a APAE de Lajeado, onde faz Terapia Ocupacional, Equoterapia e também é acompanhado por um Psicopedagogo na cidade vizinha, além das aulas normais na escola de ensino fundamental do meu bairro. A união do meu esforço com a ajuda da APAE e da escola tem sido fundamental para o desenvolvimento dele. Minha principal meta é torná-lo totalmente independente.

Para isso, entrei para a ONG “Azul Como o Céu”, associação pró-autismo da minha cidade, onde hoje faço parte da diretoria. Troquei meus trabalhos que exigiam pontualidade por artesanato para administrar melhor meu tempo com Pedro, já seu papai é participativo o quanto pode, apesar da distância. Dou graças a Deus por ter tido a oportunidade de dar à luz, educar e fazer evoluir um ser humano tão especial quanto meu filho.

Atualmente, eu e Pedro temos as demandas da semana, trabalhos de arte, terapias e aos finais de semana estamos no Shopping de Lajeado, onde exponho minha arte em arame e Pedro me ajuda a vender, a fazer... É meu eterno companheiro de vida! Assim seguimos nossas vidas com muita fé, amor, altos e baixos e muita esperança por um mundo mais inclusivo e de muita paz. E que esta história tenha muitos anos pela frente, antes de escrevermos o fim...

Aliás, sou espírita... não há fim!





Feliz Corpo Novo

Encontro-me deitada em uma linha muito tênue entre a vida e a morte. Em meio a diversos remédios e dores que não saberia nem ao menos descrever, reflito se realmente quero continuar lutando para enganar a morte. E por mais que seja um processo muito difícil e doloroso, a resposta é sim. O grande motivo da minha resistência e força é minha família, mas principalmente minha filha de um ano e oito meses que tive que deixar nos braços do meu marido, na noite de ano novo, para ser internada. A dor que sinto de talvez não voltar para casa é comparada à dor que sinto no meu peito nesse momento. E sim, peito, não somente no sentido figurado da coisa. Meu peito direito. Meu peito esquerdo. Meus seios.

Desde pequena fui uma menina muito vaidosa, e por ser a mais alta e magra, acabava me destacando na escola. Graças a isso, e também à minha mãe – que me matriculou em aulas de etiqueta –, tive a oportunidade de trabalhar com a minha imagem. Com 15 anos comecei a participar de concursos de beleza, ganhar títulos, viajar pelo Brasil, e peguei gosto, eu havia nascido para isso. Mas outra coisa que também sempre foi meu sonho e pude realizar da forma mais linda do mundo, era formar uma família. Aos 31 anos dei à luz minha Antônia, e me transformei, por dentro e por fora. Assim como senti um amor indescritível, também comecei a sentir algumas mudanças e incômodos no meu corpo, principalmente no formato dos meus seios. Quando me via nua em frente ao espelho, acabava por me comparar com outras mães e mulheres que observava nas redes sociais, em que tudo volta para o seu devido lugar num estalar de dedos. Senti minha autoestima indo embora e resolvi fazer uma cirurgia para recuperá-la. No dia 6 de dezembro fiz uma mastopexia e uma lipoaspiração na barriga. A partir desse dia, minha vida virou de cabeça para baixo.

Dez dias após a cirurgia comecei a sentir muita dor no seio direito, e fiquei assustada ao notar que saía muita secreção de lá. Meu cirurgião havia entrado em férias, mas mesmo assim tentei compartilhar com ele minha agonia e medo, e ele me tranquilizava – ou pelo menos tentava – dizendo que todos os meus sintomas eram normais e que melhoraria em breve. Como ele era o profissional,

agarrei minhas esperanças nessas palavras positivas e segui tomando remédios para dor. Muita dor. Sentia uma pressão aguda, como se algo estivesse sendo tirado de mim, como se estivesse sendo consumida aos poucos. E de fato estava.

Era noite de ano novo e tudo estava preparado para a família comemorar mais um ano juntos. Consegui colocar as últimas taças e champanhe na mesa, então me contorci em direção ao chão, em um ato de desistência pela dor que vinha aguentando fortemente havia mais de duas semanas. Cheguei ao hospital e, logo que a enfermeira foi me examinar, tive umas das visões mais agônicas que alguém poderia ter de si mesmo. Ao tirar as faixas que comprimiam meu peito, meu seio praticamente se abriu inteiro. Ali já sabíamos que as palavras de conforto que ouvi do meu cirurgião não eram verdadeiras, ele não estava nem um pouco preocupado com a minha vida, e nem com essa forte infecção que consumia meu corpo, mas eu e minha família estávamos, e muito. O fato é que querem nos ver moldadas, querem que as mulheres se odeiem para que assim faturem com a nossa insegurança, mas acima de tudo, não nos contam sobre os riscos, que são muitos. Meu médico não me mostrou a porcentagem do que poderia dar errado, e eu tive que provar na pele. Enquanto os fogos de artifício estouravam no céu, e ouvia ao longe as pessoas gritarem “Feliz Ano Novo”, passou pela minha cabeça que talvez esse fosse o meu último, e nada feliz. Encontrava-me deitada em uma linha muito tênue entre a vida e a morte. Feliz corpo novo.

No dia três meu médico voltou de férias e então pude realizar minha primeira cirurgia para retirada dos tecidos infectados, assim como das minhas próteses de silicone. Por mais que muita coisa já tivesse sido retirada de mim, inclusive minha paz e meus dias de sono, a dor se tornava cada vez mais aguda e insuportável. Após dez dias internada pude voltar para casa, mas levei toda a equipe médica comigo, tinha atendimento de enfermeiros na minha casa duas vezes por dia de domingo a domingo. Fiz mais duas cirurgias delicadas para retirada de mais tecidos necrosados e parecia que nada era o suficiente, aquilo estava me sugando e eu perdendo as forças. Passar por todas essas cirurgias, vomitar de dor, me submeter a medicações dolorosas e perigosas, até quando meu corpo iria aguentar?

Estava já havia muitos meses lutando contra a morte, e perdi muitas coisas pelo caminho, como a minha audição. Devido à infecção hospitalar

grave que contraí, só seria possível ter uma chance para escapar daquela cama de hospital se eu tomasse amicacina, um medicamento autotóxico que causa perda auditiva caso utilizado em excesso, e assim foi. Segundo a literatura, existe uma dose máxima que o paciente pode tomar, e eu precisei quintuplicar essa dose, o que resultou na minha perda de audição severa. Do ouvido esquerdo, não ouço mais nada, e do direito também escuto pouco. Agora não ouvirei mais ao longe o “Feliz Ano Novo”.

Contudo, isso para mim não era problema, porque eu queria mesmo ouvir de perto, num abraço apertado da minha filha e sem nenhuma dor, e estava próxima de conseguir isso. Em maio, encontrei uma equipe maravilhosa que estava disposta a fazer a cirurgia que mudaria a minha vida para sempre, mas tivemos mais complicações e era inevitável pensar que essa linha tênue entre a vida e a morte já tinha um ganhador definido. Antes de ir para a nova equipe, tive que trocar os acessos das medicações, e nisso perdi o ar completamente e tive certeza que não era mais uma visita da morte, ela me levaria. Meu pulmão foi perfurado e depois de alguns dias resistindo bravamente na CTI, percebi que não era a minha hora, eu ainda ouviria “Feliz Ano Novo” mais vezes.

A Última Cirurgia

Após se recuperar da grave perfuração pulmonar, Fabiane Bevilaqua realizou sua quarta e última cirurgia com uma renomada equipe de mastologistas e finalmente travou a guerra contra a morte. Ela ainda utiliza a sua imagem e sua força para conscientizar mulheres sobre os perigos das cirurgias plásticas, assim como para auxiliar mulheres com mastectomia na conquista pela autoestima com o seu novo corpo. Sua cicatriz, mulher, mostra o tamanho da sua força, e isso é lindo.

Nota da Autora

A mamoplastia de aumento, um procedimento amplamente procurado no Brasil, não está isento de complicações, com infecções ocorrendo em aproximadamente 1,1% das cirurgias e outras complicações afetando cerca de 4,6% dos casos. Além disso, há crescente preocupação em relação à “Doença do Silicone”, que pode incluir sintomas como dores articulares, perda de cabelo, alterações psicológicas e fadiga excessiva. A ligação direta entre esses sintomas e os implantes de silicone ainda é objeto de debate na comunidade médica. Outra preocupação é a Síndrome ASIA, uma condição autoimune desencadeada por substâncias externas, que pode resultar em inflamação crônica em indivíduos predispostos a doenças autoimunes. A conscientização sobre a “Doença do Silicone” cresceu notavelmente com o aumento do seu debate nas redes sociais, levando a um aumento global de 33% nas cirurgias de explante entre 2016 e 2020, conforme dados da ISAPS. Em resposta a essas preocupações crescentes, as autoridades regulatórias, incluindo o FDA, têm implementado medidas rigorosas para informar os pacientes sobre os riscos associados e garantir maior transparência e segurança no uso de implantes de silicone.

Ser Mulher

Clique no PLAY e confira



Ser mulher é força
por mais que se sinta fraca
Ser mulher é responsabilidade
de dar a vida
Ser mulher é um ato político
de lutar pela nossa história
Ser mulher é potência, resistência e construção
Ser mulher é se conhecer
e no outro dia mudar completamente
Ser mulher é se amar
por mais que não queiram isso
Ser mulher é se perder às vezes
e se encontrar de novo
Ser mulher é estar em qualquer lugar
por que a gente lutou por isso
Ser mulher é cuidar
e também precisar de cuidado
Ser mulher é arte
e ser artista
Ser mulher é ser resiliência
Ser mulher é escolha
Ser mulher é voz
Ser mulher é ser livre
Ser mulher é paixão
Ser mulher é divertido
Ser mulher é desafiador
Mas ser mulher é principalmente ser quem a gente quiser
Sou mãe, sou amiga, sou médica, sou esposa, sou tudo e sou nada
Sou flor, mas também sou espinho
e isso é lindo















**Um
Recado
para**

VOCE



Clique no PLAY e confira

Agradecimentos

MULHERES QUE CONTARAM SUAS HISTÓRIAS

Brenda Morim

Carmen Souza

Fabiane Bevilqua

Sirlei Soares Machado

MODELOS

Ana Julia Rodrigues

Ariane Marcola

Fernanda da Palma

Giovana Fernandes

Jamilyns Lima

Mayara Menezes

Stefany Paschoal

DEMAIS AGRADECIMENTOS

Estúdio 21 UFSM

Vanessa Priscila Machado

Gabriela Garcia

Leandro Stevens



Quer ouvir mais histórias?
Confira conteúdos EXTRAS aqui!

A Mulher do Fim do Mundo - Projeto Experimental Curso Produção Editorial
Comunicação Social Universidade Federal de Santa Maria

Escrita, roteiro, design gráfico, fotografia, captação de áudio e vídeo, edição,
e diagramação

Por Giovana Luísa Machado

ORIENTADOR

Leandro Stevens

REVISÃO

Gabriela Garcia

Giovana Machado

A Mulher do Fim do Mundo/ Giovana Machado. - 1 ed. - 2023

1. Ficção Brasileira 2. Drama 3. Suspense

Esta Obra está licenciado com uma Licença
Creative Commons - Atribuição -
Não comercial 4.0 Internacional.



